

PARADIDÁTICO PARA IDOSOS: UMA LEITURA VOLTADA PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

Widigiane Pereira dos Santos Fernandes¹

Beatriz Lima de Oliveira²

Marta Ferreira de Carvalho³

Antonia Leda Oliveira Silva⁴

RESUMO

INTRODUÇÃO: As capacidades de associar e adquirir conhecimentos por meio das funções cognitivas: memória, linguagem, cognição sócioemocional, podem ser potencializadas a partir do conhecimento de uma segunda língua, no caso, o inglês como objeto de estudo. **OBJETIVOS:** Proporcionar entretenimento, educação, cultura e, por conseguinte, bem-estar. Sendo assim, este estudo objetiva elaborar paradidático em língua inglesa para que os idosos possam ter divertimento e informação partindo da abordagem na educação de uma língua estrangeira. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa de um paradidático voltado ao universo do idoso- aprendiz em sala de aula de língua inglesa. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Esses resultados são parciais e estão sendo elaborados mediante a avaliação dos paradidáticos já existentes. **CONCLUSÕES:** As análises estão em construção na busca das variedades no ensino-aprendizagem das metodologias que poderão ser aplicadas na pesquisa.

Palavras-chave: Idoso, Educação, Didática, Língua Estrangeira, Metodologia.

INTRODUÇÃO

As capacidades de associar e adquirir conhecimentos por meio das funções cognitivas: memória, linguagem, cognição socioemocional, podem ser potencializadas a partir do conhecimento de uma segunda língua, no caso, o inglês como objeto de estudo. Neste caso, é necessário que o idoso tenha ausência de patologias que possam limitar a compreensão das associações que o cérebro desempenha durante o processo de aquisição da aprendizagem. Portanto, partindo do princípio que as demências/doenças são limitantes para o entendimento de questões linguísticas verbal/oral, suscitamos as imagens como uma expectativa de continuar reavivando a memória, também pelo lúdico. Sendo imprescindível integrar as pessoas idosas ao meio em que vivem e transformá-las em cidadãos ativos e participativos da sociedade, fornecendo-lhes infraestrutura e equipamento social adequados, como: lazer, saúde, urbanização, educação, alimentação e transporte. **OBJETIVOS:** Proporcionar entretenimento, educação, cultura e, por conseguinte, bem-estar. Sendo assim, este estudo objetiva elaborar paradidático em língua inglesa para que os idosos possam ter divertimento e informação

¹ Especialista em Metodologia do Ensino de L. Inglesa da Universidade Aberta Vida - PB, widigiane.fernandes@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal - PB, blima3509@gmail.com;

³ Mestra do Curso de Gerontologia da Universidade Federal - PB, mfdecarvalho@yahoo.com

⁴ Pós-Doutorado em Psicologia Social pelo ISCTE/Portugal, alfaleda@hotmail.com

partindo da abordagem na educação de uma língua estrangeira. Para isto, priorizamos a ludicidade do paradidático, pois a aprendizagem e o compartilhamento dos saberes e das experiências, ganham vivacidade com o distrair. Expectamos que esta proposta desperte a curiosidade de idosos envolvidos com os programas de ensino/aprendizagem de um LE, igualmente naqueles que almejam adquirir esta forma de leitura. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa de um paradidático voltado ao universo do idoso-aprendiz em sala de aula de língua inglesa. Pensando na escassez de materiais específicos para o público idoso com formatação adequada, diagramação aperfeiçoada, fonte e estilo da distribuição das informações. Utilizaremos a princípio a Abordagem Comunicativa Intercultural, no qual será abordado o entendimento da língua na cultura. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Esses resultados são parciais e estão sendo elaborados mediante a avaliação dos paradidáticos já existentes. No que diz respeito à proposta, buscaremos pautar essas intervenções na ludicidade, pois, a partir do formato lúdico podemos acentuar as atividades desenvolvidas em sala na aquisição do conhecimento. A idéia é trabalhar a memória, a criatividade, dentre outras particularidades. Estimulando a fala, a troca de experiências observadas na produção do paradidático como material auxiliar, dentre os quais; fará parte desenhos para pinturas, objetivando a expressão de sentimentos e desejos, e a satisfação experimentada durante o processo de realização dessas atividades. Pretenderemos estimular a observação, sistema de escolha input/output, etc. No entanto, estas habilidades foram contextualizadas à temática da língua alvo estudada, elaborada a partir das necessidades de aprofundar o entendimento do inglês. **CONCLUSÕES:** No que concerne o entendimento da aquisição da linguagem, da metodologia e da didática, este trabalho está em continuidade, pois busca estabelecer bases que possam dá luz a estratégias que visem o aprendizado eficiente de uma língua estrangeira (L2).

METODOLOGIA

A perspectiva dos dados coletados se dará através de entrevistas utilizando um questionário semiestruturado com o uso de gravação com duração de 30 minutos. Após assinatura de um termo, no qual, será avaliado pelo CEP. Processar-se-á no Instituto Paraibano do Envelhecimento na UFPB.

Os processos das entrevistas deverão ocorrer com idosos a partir dos 60 anos de idade, que estejam com saúde e atividade cognitivas preservadas, sem qualquer tipo de cronicidade durante o período de execução da pesquisa.

Inicialmente serão selecionados idosos sem conhecimento algum da Língua Inglesa, pois o intuito é acompanhá-los durante o desenvolvimento das habilidades que deverão ser adquiridas no decorrer do curso.

Há algumas décadas, teóricos e professores de línguas estrangeiras costumavam dividir as quatro habilidades linguísticas em dois grupos: as passivas, i.e., a compreensão oral e a leitura, e as ativas, i.e., a fala e a escrita. Hoje, com os avanços das pesquisas em psicolinguística e em linguística aplicada, a maior parte dos teóricos e professores se conscientizou de que não existe passividade em nenhuma dessas habilidades. Pelo contrário, nós realizamos um esforço cognitivo grande para desenvolvermos as quatro habilidades independentemente de estarmos falando da língua materna ou de uma língua estrangeira (OLIVEIRA, 2015, pg. 46).

Logo, deveremos realizar os procedimentos com testes que avaliarão suas capacidades mentais e construtivas durante as avaliações iniciais. Podendo ser aplicado instrumentos, por exemplo, que verifique o desenvolvimento cognitivo, acuidade visual e emocional.

DESENVOLVIMENTO

Sabe-se hoje que a velhice não implica necessariamente doença e afastamento, o idoso tem potencial para mudança e muitas reservas inexploradas. Assim, os idosos podem sentir-se felizes e realizados e, quanto mais atuantes e integrados em seu meio social, menos ônus trarão para a família e para os serviços de saúde (FREIRE, 2000 Apud PADILHA, 2015).

Conseqüentemente, podemos concluir que a idade não é um determinante na construção do pensamento e das atividades cotidianas do indivíduo, mas na continuidade das tarefas que já desempenhava em tenra idade. A contribuição dos idosos para o desenvolvimento da sociedade, nunca esteve tão em evidência como nos anos, com cartilhas, leis e decretos que firmaram a necessidade da visibilidade do idoso em várias ramificações como corpo social cooperando, assim com o desenvolvimento de um pensamento voltado para um futuro, no qual a finitude, é outra etapa dessa vivência.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o idoso como “uma pessoa com 65 anos ou mais nos países desenvolvidos, já nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, é definido como idoso a pessoa que tenha mais de 60 anos” (BRASIL, 2010).

Ora, toda sociedade, segundo Moscovici está permeada por esse conhecimento que ele denominou de representação social. O professor, o aluno como atores de uma sociedade em movimento, carrega consigo um saber que se constrói no dia a dia, tanto social, familiar, quanto

profissional. E este conhecimento eles trazem para a escola. Identificar elementos desse conhecimento e estabelecer relações com o conhecimento científico, objeto específico de “transmissão” escolar, nos parece ser um importante passo para a compreensão de entraves e desvios que observamos no dia a dia escolar (MAIA, 2001, p. 85 Apud CRUSOÉ, 2004, p. 113).

É nesse contexto que concebemos que a identificação das representações que permeiam a realidade educacional possa contribuir com a análise dessa realidade (CRUSOÉ, 2004).

Há quem envelheça biologicamente, mas rejuvenesça interiormente e transmita vitalidade. E há quem aparente fisicamente ser jovem, robusto e cheio de juventude, mas já seja velho, gasto e cansado interiormente. Podemos falar, portanto, de um envelhecimento mental e um envelhecimento espiritual. A idade, em última análise, mede-se não tanto pelo número de anos que se tem, mas pelo modo como a pessoa se sente, como vive como se relaciona com a vida e com os outros (BALDESSIN, 2002, pg. 491-498).

O que existe no aprendizado de uma língua estrangeira deve-se procurar favorecer e potencializar não só o desenvolvimento de competências linguísticas, mas associar o desenvolvimento dessas competências a contextos socioculturais. Favorecendo assim a competência intercultural do aluno.

A linguística é definida, na maioria dos manuais especializados, como a disciplina que estuda cientificamente a linguagem. Além disso, não podemos esquecer que existem outros ramos do conhecimento que, à sua maneira, também se interessam pelo estudo da linguagem (MARTELOTTA ET AL. 2008, pg. 16).

Tomo a língua como um sistema de práticas cognitivas abertas, flexíveis, criativas e indeterminadas quanto à informação ou estrutura. De outro ponto de vista, pode-se dizer que a língua é um sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua, sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente esse contexto em que se situa. Em suma, a língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância, mas não construindo tudo como se fosse uma pressão externa pura e simples (MARCUSCHI, 2016, pg. 20).

A Política Nacional do Idoso, estabelecida em 1994, criou normas para os direitos sociais dos idosos, garantindo autonomia, integração e participação efetiva como instrumento de cidadania (PORTO, 2007).

Favoreceu a promoção da longevidade com qualidade de vida, colocando em prática ações que possam não apenas para os que estão velhos, mas também para aqueles que vão envelhecer (FURTADO, 2007).

Evidências recentes sugerem um impacto positivo do bilinguismo na cognição, incluindo o início tardio da demência. No entanto, monolíngues e bilíngues podem ter diferentes habilidades cognitivas básicas. Apresentamos o primeiro estudo que examina o efeito do bilinguismo no controle da cognição no final da vida para a inteligência infantil. Estudamos 853 participantes, testados pela primeira vez em 1947 (idade = 11 anos) e testados novamente em 2008-2010. Os bilíngues tiveram desempenho significativamente melhor do que o previsto a partir de suas habilidades cognitivas de base, com efeitos mais fortes na inteligência geral e na leitura. Nossos resultados sugerem um efeito positivo do bilingüismo sobre a cognição no final da vida, inclusive naqueles que adquiriram sua segunda língua na idade adulta. (BAK et al., 2014).

Sendo assim, é necessário refletir as políticas públicas e sua efetivação quanto cumpridora da lei, na observância que preconiza o idoso em sociedade, participando ativamente das construções sociais e econômicas. A sociedade tem um papel fundamental na função de extirpar os pré-conceitos estabelecidos para as pessoas da terceira idade e na sua diversidade, quanto indivíduo e cidadão.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1o Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna (ESTATUTO DO IDOSO, 2003).

No âmbito da educação, o conceito da transdisciplinaridade tem sido pautado nos 4 pilares propostos na Conferência Internacional de Transdisciplinaridade realizada no ano 2000, os quais estão listados abaixo (UNESCO, 2000):

1. Aprender a conhecer: é importante que pessoas se apropriem da metodologia do aprender, a fim de que consigam relacionar diferentes conhecimentos, assimilá-los, e acompanhar o crescimento rápido e multivariado do saber;

2. Aprender a fazer: diretamente associado ao “aprender a conhecer”. A capacidade técnica perde cada vez mais espaço para a mecanização, sendo importante além desta competência a capacidade de trabalhar em equipe, tomar iniciativas, ter criatividade e aprender com facilidade;

3. Aprender a viver juntos: este pilar está relacionado à capacidade de evitar conflitos ou resolvê-los de maneira pacífica, contribuindo para o desenvolvimento de outras culturas, da descoberta do outro, permitindo a elaboração de projetos comuns. As normas de conduta devem ser vivenciadas e não simplesmente respeitadas;

4. Aprender a ser: ter autonomia intelectual e visão crítica da vida, a fim de que possa ter discernimento e agir de acordo com as diferentes situações da vida.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Normalmente, as mudanças que ocorrem com o envelhecimento do cérebro de pessoas saudáveis são sutis e fazem pouca diferença em seu funcionamento, variando consideravelmente de uma pessoa para outra, de uma região do cérebro para outra, e de um tipo de tarefa para outro (PAPALI et al. pg. 582).

Portanto, como resultados parciais da pesquisa, podemos mencionar que há uma necessidade na busca de dados que venham corroborar com as questões metodológicas e didáticas empregadas para os idosos na aquisição de uma segunda língua.

Redigir um paradidático que esteja adequado como utilização pedagógica para idosos em formação em uma segunda língua, é acima de tudo um desafio e uma conquista, pois há necessidades metodológicas a serem ajustadas, assim como, formatação visual, diagramação,

capítulos abordados do interesse do idoso, interação com material tecnológico (CD), atividades propostas na resolução de exercícios (Before and After Reading).

A investigação parte do pressuposto que os idosos selecionados estarão no momento de realização da pesquisa com o desenvolvimento cognitivo preservado. Buscando portanto, a cada seis meses, realizar nova avaliação com instrumentos de planejamento didático, pois o objetivo desse processo é avaliar o material proposto e se a prática proposta

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O domínio de uma língua estrangeira não é uma competência que possa ser disfarçada. Podemos fingir sentimentos que não temos e até fazer de conta que compreendemos o que nos dizem, mas ninguém pode fingir que fala inglês ou espanhol. A língua nos reflete exatamente como somos não permitindo que nos arvoremos de uma competência que não temos para parecer melhores aos outros. A língua nos potencializa se a conhecemos, mas nos trai se tentamos disfarçar um conhecimento dela que não temos (LIMA, 2014, pg. 16).

Sendo assim, desenvolver habilidades que geram conhecimento, entretenimento e empatia com a língua é um dos propósitos deste trabalho.

REFERÊNCIAS

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. A Teoria das Representações Sociais em Moscovici e sua Importância para a Pesquisa em Educação. Disponível em: http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf_121 Acesso em: 28 de março de 2019.

DEBERT, Guita Grin. A Reinvenção da Velhice. São Paulo: Edusp, 2012.
_____. Velhice ou Terceira Idade? Rio de Janeiro: FGV, 2007.

LIMA, Diógenes Cândido de. (Org.). Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2011.

MUCIDA, Angela. O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NETTO, Matheus Papaléo. Gerontologia – A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada. São Paulo: Editora Atheneu, 1996.

OLIVEIRA, Amaral Luciano. Aula de Inglês: Do planejamento à Avaliação. 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ORLANDI, Brunela Della Maggiori. Principais instrumentos e recursos tecnológicos para avaliação do idoso e qualidade de vida – Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.

PAPALI, Diane E.; FELDMAN, Duskin; Ruth, MARTORELL, Gabriela. Desenvolvimento Humano. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi... (et al.); (revisão técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva... ET al.).– 12. ed. – Porto Alegre : AMGH, 2013.

PORTO, Mayla. A Política Nacional do Idoso: um Brasil para todas as idades. 2007.

THOMAZ, Márcia Cristina Aparecida. Conceito de geriatria e gerontologia: O envelhecer Biopsicossocial. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.